

EDITORIAL

A discussão sobre os efeitos da tecnologia na organização social e na vida das pessoas é uma questão central nos estudos sobre os media, talvez para espantar o medo que todos os inofensivos objectos comunicantes que insidiosamente, mas com intensidade e velocidade crescente, têm invadido as nossas casas desde as primeiras décadas do século XX, possam um dia estender os seus braços e antenas e sufocar-nos a todos num abraço mortal.

O contributo de Roger Silverstone, eminente professor da London School of Economics (LSE), de que nos orgulhamos de traduzir neste número da revista *Media e Jornalismo* um dos seus artigos mais influentes, foi decisivo para um movimento que também é feito de afectos: aproximar os homens das máquinas, não para maquinizar os homens, mas para humanizar as máquinas.

A ideia de domesticação não deve ser lida como um gesto arrogante de subjugação, mas como um esforço muito humano, culturalmente determinado, para investir os objectos de um desejo, também moral, de tornar a nossa vida melhor.

E, se até aos anos 90, foi a televisão e os seus efeitos que centralizaram o olhar, também ele de certa forma esgazeado, dos teóricos dos media, agora são claramente os novos media a ocuparem quase todo o espaço do pensável, como se não houvesse mais mundo quando eles deixarem de ser novos, e passarem a velhos aparelhos obsoletos.

É verdade que, por enquanto, ainda estamos vertiginosamente deslumbrados com as possibilidades de um novo paradigma comunicacional que parece prometer a vida eterna, pelo menos para as máquinas, em permanente adição e regeneração de competências. Os artigos que apresentamos nas páginas seguintes, organizados por Anabela de Sousa Lopes, em colaboração com Maria José Mata e a direcção da revista, dão bem conta da força impactante da tecnologia na estruturação dos quotidianos dos públicos mais diversos. Paraphraseando Galileu Galilei, a tecnologia existe “e move-se”.

O conjunto dos artigos propostos, todos suportados por investigações empíricas, permitirá ao leitor uma fascinante viagem pelo território das perguntas que se estru-

turam à volta da grande questão: “o que faz a tecnologia à cabeça dos homens?”. Ficou de fora deste número, mas aí iremos um dia, saber o que acontece aos seus corpos. Porque estes ainda são, nas palavras do coreógrafo Rui Horta, “as melhores ferramentas de comunicação (...) *by-passes* do cognitivo conectando directamente às nossas almas”.

A Direcção